

ANNO I

N. 2

31 DE JANEIRO 1889



REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888, pelo Dr. **Sylvio Romero**. — II Factores externos da civilisação no Brazil. Theorias históricas. O evolucionismo pelo Dr. **Felisbelto Freire**. Linguagem brasileira — Lexicographia brasileira-barra, barro e suas formações, pelo Dr. **Macedo Soares**. — Resenha Política e administrativa, por **Hypolito**. — Os Quinze dias, por **Nereu** — Bibliographia Brasileira — Catalogo alphabeticó das publicações brasileiras.

Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

II

De toda a litteratura brasileira a região mais ubertosa, onde as producções têm mais vigo e ostentam-se mais gallardas, é a região da poesia.

Comecemos por ahí; a cousa é convidativa, o terreno é plano e a viagem será curta.

O primeiro symptom a notar na litteratura poetica do anno passado é que ainda de todo não conseguira ella emancipar-se da influencia estrangeira, *silicet*, franceza.

Em nosso lyrismo, até em suas mais valentes construccões, sobre a madeira tirada de nossas matas hão de os operarios embutir enxertos exóticos e envernizar tudo á moda d'estranhos. Defeito esse não createdo pelo anno que morreu, v lha modestia nossa que a historia e a critica não poderam ainda arrancar de nosso organismo.

Entretanto, o ideal por este lado, o alvo n'esta direccão, seria acabar com o privilegio frances; lér, estudar os grandes representantes de todas as fortes litteraturas do seculo, não para repetir o que elles escreveram, mas para saber o que elles pensaram e chegar até onde elles subiram. Fortificar a individualidade, em vez de perdel-a, ao contacto dos mestres.

A melhor condição para isto é cultivar os assumptos brasileiros, conhecer a vida d'este paiz. Sua ethnographia, sua historia, sua litteratura, sua demographia, seu *folk-lore*, não falando já no interesse incomparavel do estudo de sua geologia, de sua geographia, de sua fauna, de sua flora, que bellos assumptos offerecidos á sagacidade, ao talento, ao patriotismo d e nossa mocidade !

Quando soubermos bem quem nós somos, não poderemos mais ter medo de estudar os estranhos. A autonomia do pensamento será garantia de nossa originalidade.

E os moços brasileiros poderão levantar bem alto a cabeça, quando trabalharem e quando quizerem ser elles mesmos para ficar sendo alguma cousa.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE JANEIRO DE 1889 — BOLETIM XIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO VULGARIZADOR

Compra e vende livros raros e preciosos: restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilõs geraes e parciaes, livrarias bibliothecas e edições. Organ sando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial: da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda.

A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realização variando de 20 a 40 %.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

339.—ADOLPHO NEUMANN Nova gramatica allemã theorica e practica por Emilio Otto, doutor em philosophia e lente de linguas modernas na universidade de Heidelberg. Adaptada ao programma do ensino no Brazil. Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & C., 46 e 48 rua Gonçalves Dias. 1889. 16º com XXIII-447-VI pags.

340.—* ALFREDO LEITE—Musgos. Poesias?

341.—* BOLETINS da sociedade de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro. Anno II 1887. Rio de Janeiro ?

342.—* GOES SIQUEIRA (Dr. José de), Galeria das celebridades contemporaneas brazileiras. 1º fasciculo contendo a biografia e o retrato de D. Pedro II ?

343.—* MOREIRA SAMPAIO. D. Sebastiana. Revista theatral. Rio de Janeiro ?

344.—* SEBASTIÃO PARANA'.—Esboco geographic da provincia do Paraná ?

Publicações periodicas

Do anno de 1889

1.—ALMANAK BIBLIOGRAPHICO Folhinha brazileira. Publicado pelo Centro Bibliographico Vulgarizador contendo: 1. Kalendar de 1889 com a designacão dos dias de gala, feriados, festas moveis e audien-

cias.—II. Almanack das instituições literarias, scientificas e artisticas, jornaes, redacções, estabelecimentos lithographicos, officinas de artes graphicas e co-relatas. — III. Bosquejo historico bio-bibliographic do anno de 1888.—IV. Bibliographia, indicações e annuncios. Anno I. 1889. Rio de Janeiro. Livraria do Centro Bibliographico, 41, rua Gonçalves Dias. 1889.—32 com 128 pags.

2—ALMANACH DA CASA-BRANCA para o anno de 1889, Organisado por Laffayette Toledo Segundo anno. Casa Branca Editores e Proprietarios: N. Pereira & Toledo. Campinas, Typ Livro Azul A. B. de Castro Mendes & Comp. 1888—16º com 189 pags.

3—ALMANACH DA CIDADE DA CACHOEIRA para o anno de 1889—Compilado e coordenado pelos professores publicos Diogo Valasques e Xavier Leal—Anno II ?

4—REVISTA PAULISTA FLUMINENSE Literaria, Scientifica, Critica, Artistica e Bibliographica. Publicação mensal. Redactores: Felinto de Oliveira, Adherbal de Karvalho e Americo da Veiga. Rio de Janeiro. Redacção rua do Hospicio 139. Séde em S. Paulo rua da Princeza 7—1889. 8º com 80 paginas.

5—REVISTA SUL-AMERICANA Bibliographia brazileira, Sciencias, Lettras e Artes. Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador—Quinzenal—4º em 16 pags.

6—TREZE DE MAIO, Revista litteraria, Scientifica e artistica. Primeiro anno—Rio de Janeiro. Redaccão rua de Gonçalves Dias 83, entre a do Ouvidor e Rosario. Typ. Chrisalida 41 rua da Constituição. 1889—8º em 80 paginas.

ANNUNCIOS

OPINIÃO DA IMPRENSA SOBRE O Diccionario Grammatical

POR

JOÃO RIBEIRO

Imprensa.—São sempre bem vindas as obras didacticas, quando escriptas com methodo e clareza, e neste caso se acha o *Diccionario grammatical* do Sr. João Ribeiro, ultimamente editado pelos Srs. Alves & C.

E' um bom livro de consulta, em que, de par com os preceitos da Grammatica, se encontram, em resumo, as materias referentes ao estudo historico comparativo da lingua.

As questões grammaticaes, mais calorosamente discutidas nestes ultimos tempos, tales como a collocação das variações pronominaes e o emprego do infinitivo pessoal, alli se acham expeditos com o desenvolvimento strictamente preciso, de modo que sem se perder nos meandros de demasiadas minudencias, pôde o estudante tornar-se facilmente senhor dos principios geraes que regem cada um desses pontos.

(*Jornal do Commercio*, 13 de Janeiro de 89).

LIVROS NOVOS

DICCIONARIO GRAMMATICAL, COMPILADO
POR JOÃO RIBEIRO

Um dos nomes que modernamente com maior justiça se tem tornado conhecido pelos seus trabalhos philologicos, é o do autor do *Diccionario Grammatical*.

Moço ainda, ha poucos annos dando á duublicidade os seus estudos de lingua vernacula

o Sr. João Ribeiro em menos tempo do que muitos que ao mesmo trabalho se consagram, apenas chamam a attenção dos que se interessam por esses assuntos, conseguio firmar o seu nome e conquistar para os seus livros a confiança a que têm direito os livros dos mestres.

E tanto mais para louvores é isso, quanto é sabido que muito pouco seductora é a materia a que o Sr. João Ribeiro mais consagra a sua actividade intellectual.

Em geral, o estudo da philologia no Brazil é bastante desprezado.

Infelizmente, a grammatica não é dos livros mais estudados e raros são aquelleque, uma vez adquirida relativa somma de conhecimentos, se preocupam ainda em percorrer-lhe as paginas.

Nasce isso sem duvida da falta de preocupação de bem escrever a nossa lingua. Indistinctamente empregamos os vocabulos e formamos os periodos, sem dar sequer ás regras a mais pequena attenção.

Manejar a lingua portugueza, a pura, a legitima, não é das causas mais facéis e desgraçadamente a má inspirada pretenção de formar uma lingua brasileira não pouco tem concorrido para o pouco caso com que comummente é ella encarada.

Escrever e publicar livros, por conseguinte, que tenham por fim conservar á lingua o primitivo brilhantismo e pureza, mesmo com a certeza do pequeno edesanimador acohimento com que são recebidos, é caso para os mais prolongados aplausos, que são ao mesmo tempo recompensa e protesto.

«O Diccionario Grammatical», diz o autor no prefacio, foi organizado para responder abreviadamente ás questões que modernamente se têm ventilado no estudo da lingua».

Não poderia ser melhor definido o livro de que nos occupamos; leal e criteriosamente feito, não pequenos serão os bons resultados que da sua leitura coherão os que entenderem consultá-lo.

Aquelle que querem aprender, principalmente, e mesmo os que em leitura despretentiosa visam firmar as suas opiniões, terão no *Diccionario Grammatical* um auxiliar valioso, que certamente não os aconselhará a percorrer errado caminho.

(*O Paiz*, Janeiro 89)

De um grande espantalho já se viram livres: — da lepra, da idiotia da *nova geração*!...

Vae para dois ou tres annos que esse associacionismo da tolice, esse fakirismo da pedanteria e da inepcia começou a definhar, a estrebuchar até morrer. No anno passado, e este é o segundo symptom que assignalo á diagnose intellectual patria n'esta resenha, não se falou mais em *nova geração*. O monstrengó tinha desapparecido.....

A historia d'essa praga é curiosa.

Um grupo de imbecis, tomados de não sei que prurido de exhibição, entendeu de scindir a evolução do pensamento brasileiro em duas phases inteiramente desacordes, onde deveriam campear, tambem radicalmente inharmonicas,—a *antiga* e a *nova geração*.

Em vez de idéas, de doutrinas, de systemas, de theorias, faziam-se os taes maganos portadores de uma folha de papel, enrolavam-se na *certidão de idade* e investiam contra a gente descuidada!... Eram os novos *hycksos* da ignorancia e da estolidez. Eu previ logo o esphacelamento d'esse bando de ciganos, que passavam pela zona litteraria a tocar seus tachos e chocalhos velhos; mas incapazes de fixar pousada e trabalhar seriamente. Um pouco experimentado, já conhecera antes varios bandos d'esses *talentos*, d'esses *genios de arribação*, faceis em surgir e desapparecer, como nuvens de gafanhotos. Predice ser a praga de pouca duração; os coleopteros haviam de afugentar-se, e nós outros tinhamos de ficar intactos em nossos postos.

O tempo, o portentoso factor darwianiano, o magnifico alliado que sabe matar o que não presta e dar vida ao que tem valor, sem o menor esforço, em diminuto lapso, deu com a traquitana embaixo, e hoje vemos por ahi desdentados, tropejos, gafentos os grandiosos tolos da *nova geração*, d'aquelle apollinia turma de heróes, que se propunham fazer o sol mais doirado, o céu mais azul, e não sei que outras brincadeiras d'este genero....

Não estando ligados por nenhuma aspiração séria, não os unindo nenhum nobre esforço social, litterario, politico ou scientifico, os taes da *nova geração*— de confraria de *elogio mutuo* transformaram-se em commandita de *descomposturas mutuas*,

até que um dia rompeu-se o equilibrio e o *mundéo* despedaçou-se no chão.

O elemento destruidor interno foi o Sr. Luiz Murat.

Por simples considerações accidentais de colleguismo e contemporaneidade academicas, esse moço se approximara a principio dos *boozos* da nova seita.

Pouco tempo depois começou a descer d'aquillo e atacou pela imprensa dois ou tres dos barões da patacoada e o resto dispersou por outro medo e n'outro estylo.

O resultado é que os poetas que mais proeminaram em 1888,—o lebrado Murat, Bilac, Guimarães Passos, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque, e outros d'aqui e das provincias, nem mais se lembravam do barulhento *maracatu* da *nova geração*. Uma logração em regra...

Havia, por outro lado, uma razão fundamental para esta morte obscura e cruel: a rapidez vertiginosa da evolução litteraria n'este final de seculo.

Os mediocres da *nova geração*, embebidos na propria idolatria, não deram por isto, e nem estavam apercebidos para a lucta.

As phases quasi instantaneas da pugna litteraria tinham forçosamente de repe cutir no Brazil, e havíamos por força de apreciar o distanciamento dos *novos*... Ora, campar de *novo* e ser *atrasado*, é dar arrhas á satyra, é desmoralisar-se e cahir.

Era uma empreza insensata a d'esse punhado de fatuos que pretendiam trazer sempre nas golas dos paletots um *brevet de nouveauté*.

Uma geração sempre *nova*, mesmo no mundo do pensamento, é uma impossibilidade, e pretender sê-lo é um desparate.

Cada geração tem uma missão historica a cumprir, e essa missão limita necessariamente o seu esforço e a sua intuição no tempo.— Estar aquem ou além d'esse limite é falhar ao seu designio, é ser esteril, é nullificar-se. Todo escriptor deve formar a consciencia clara de seu destino.

Adquerida esta, elle sabe então que tem um ideal.

Todo ideal é relativo e limitado no tempo e no espaço; concentrar as forças na direcção d'esse alvo, mover-se energica-

mente nesse circulo, eis a missão dos genios e dos talentos bem equilibrados. Isto envolve uma porção de compromissos, de afirmações e negações, que dão uma nota caracteristica a cada operario do pensamento. E se pôde exigir de quem assim se classificou e definiu que todos os dias se apresente de *novo*, mude de ideias, como se muda de fato? Pois tal seria a exigencia da criação de uma *perpetua* nova geração. Um desarranjo a olhos vistos. E' preciso que cada um se defina n'uma direcção qualquer das grandes correntes do pensamento contemporaneo e se resigne a ser aquillo que pôde ser, e a guardar o posto que escolheu.

Tal posição pôde encerrar uma grande área de accão, pôde até admittir mudanças uteis e inevitaveis. Ser *novinho* por força e por capricho é que não é possivel.

A successão rapida dos systemas contemporaneos, expressões naturaes de uma epoca turva e demasiado movimentada, não obriga ninguem a ser *cata-vento*; quem tem personalidade sustenta-se bem na refrega.

Satanistas, scientificistas, socialistas, pessimistas, parnasianos, impressionistas, symbolistas, decadentes, realistas, naturalistas, cerrados batalhões de toda esta gente têm talado os campos onde alardeou grandezas o velho romantismo.

Mesmo entre nós em os ultimos vinte annos, e este é tambem um dos signaes do tempo, varias camadas de poetas sucederam-se imbuidos, cievados mais ou menos d'aquelles ideias. Nenhum d'elles fez escola e avassalou os outros.

Passaram todos como vozes fracas no tumultuar descuidoso da indifferença geral.

Uma evolução especial, porém, um verdadeiro movimento de retorno tem estado a accentuar-se ultimamente e no anno passado mais evidente se tornou.

Refiro-me á volta de nossos melhores poetas ao puro lyrismo quasi romantico.

Não é o romantismo deentio, cheio de pezadumes, ou o romantismo arrebicado de metaphoras e palavrões loucos; é o lyrismo na boa accepção do termo.

O gradual abandono dos pretenciosos systemas de poesia scientifica, pessimistica, socialista.... pelo lyrismo tradicional, doce e vivace, é o phenomeno mais notável na litteratura poetica do anno passado.

Não sei si todos repararam n'isto; mas parece-me que ando certo assignalando este facto. O simples parnasianismo, a estrophe pela estrophe, o verso pelo verso, teve entre nós apenas a vantagem de melhor disciplinar a fórmula na poesia.

Como sistema era incompetente para dar sahida a todas as erupções da alma americana. As divagações scientificas, politicas, sociaes, reduzidas a metro, não são aptas para agradar ao leitor brazileiro. Este aprecia antes de tudo em poesia a linguagem alada, sonora, irisada, revestindo emoções reaes, verdadeiramente sentidas.

E' por isso que ainda agora o lyrismo é a expressão mais adequada á nossa capacidade artistica.

E' um bem? E' um mal? Não sei; digo apenas que é um facto, e é bastante indicá-lo.

Os poetas que mais se distinguiram n'este retorno ás boas tradições do lyrismo foram os já mencionados Murat, Bilac, Passos, Augusto de Lima e Medeiros e Albuquerque, estes dois ultimos não de todo entrados ainda na evolução indicada.

São os nomes agora mais em voga, em substituição aos de Thaóphilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Mucio Teixeira e outros que vão ja ficando um pouco escondidos na penumbra.

A fama dos poetas, vai já se parecendo tambem no Brazil com a fama das cantoras e das mulheres formosas, uma questão de moda. Na lucta pela gloria escaparão apenas os nomes que tiverem sido verdadeiramente superiores.

Nem todos os poetas citados publicaram livros em 1883; todos, porém, escreveram nos jornaes á farta. Foi um anno fertil.

A velha fórmula semi-classica appareceu nas tradueções de Dante por Xavier Pinheiro e Barão de Villa da Barra.

E, para que a morrinha, a morphéa poetica tambem não nos faltasse, tivemos a publicação elogiastica feita a D. Pedro II por um mammuth litterario que tem aquelle nome comprido de *Barão de Paranaípacabu*.

Não é absolutamente possivel analysar aqui um a um estes poetas.

Dar as notas mais geraes da intuição commun e nada mais.

Neste sentido supponho ser de alto interesse psychologico e historico assignalar a contradicção completa existente entre a moderna poesia e o moderno romance no Brazil. O lyrismo dá conta de uma sociedade idealista, cheia de transportes, de devotamentos, de virtudes, capaz de sacrificios e de heroismos; o romance esteriotypa uma sociedade de hypocritas, de corrompidos, de trahidores, de safados, de vis.

Quem terá razão? A verdade não pode estar ao mesmo tempo n'estes dois extremos! Um d'elles é necessariamente falso, ou o são ambos.

Só em França na segunda metade do seculo passado houve um igual dualismo na litteratura. A julgar pela tragedia, era uma sociedade de cavalheiros da mais apurada dignidade; a julgar pela comedia, era uma sociedade corrompida até á medula.

Quem tinha razão? A comedia.

Entre nós quem diz a verdade, — o lyrismo, ou o romance? Nem um, nem outro. Vel-o-hemos depois.

SYLVIO ROMÉRO.

O exodo cearense, motivado pela secca que actualmente assola aquella provincia, durante os tres ultimos meses, de Outubro a Dezembro fez immigrar para esta cidade 1573 pessoas, que por intermedio da reparção de terras e colonisação assim se distribuirão pelas seguintes provincias: Minas Geraes 604; S. Paulo 349; municipio Neutro 268; Rio de Janeiro 221; Espírito Santo 86 e Parahyba 15; passaram para este anno aguardando destino 24, faleceram 16.

Na fazenda do *Matamata*, pertencente a commendador José Brant, municipio de Diamantina provincia de Minas Geraes, acaba de descobrir-se uma abundante mina de salitre.

O povo invadio, sem nenhum respeito aos direitos do proprietario as terras em que se acham as minas, extrahindo em quatro dias della 2,000 arrobas de salitre.

Factores externos da civilisação no Brazil. Theorias historicas. O evolucionismo

(Continuação)

Depois que os philosophos allemaes estableceram a *lei do desenvolvimento*, Spencer nella inspirou-se para fundar o seu *evolucionismo*.

Desde que hoje não se pode conceber progresso e desenvolvimento sem a transformação do homogeneo em heterogeneo, na opinião do philosopho inglez, pelo principio da multiplicação dos efeitos, que tem por causa a instabilidade do homogeneo, a explicação dos phenomenos não deve inspirar-se em uma só das forças, nem tão pouco salientar maior accção de uma sobre outra.

Nelles não se deve ver senão o equilibrio das duas potencias, principio este que deve ser levado para a historia.

Assim como todos os factos biologicos não são mais do que o resultado, o reflexo desse equilibrio em que se mantém a accção do meio e a das forças biologicas, os factos historicos tambem devem ser presididos pelo mesmo principio.

Serão a expressão de equilibrio entre o meio e as forças ethnicas.

A funcção e a forma são por elles regidas e individualisam-se segundo seu jogo mutuo, assim um caracter nacional ha de ser dellas o reflexo, a resultante.

A biologia e a physiologia não vêm na morphologia e no funcionamento organico senão a somma das duas forças, por uma accção que pela psychologia é elevada á altura de uma lei para a explicação dos phenomenos mentaes e emocionaes; assim tambem a historia, por uma identica orientação, não deve ver na formação do caracter de um povo, em seu desenvolvimento civilizador, senão a somma das forças physicase ethnicas.

Ellas juntam-se, reflectem-se, equilibram-se, para dar em resultado o phemoneno da historia.

Eis sua lei mais geral e que deve dominar todas as pesquisas.

Qual dellas, porém, é a mais poderosa?

Nenhuma, pois, os conhecimentos scientificos actuaes são insuficientes para uma tal averiguacão.

Assim como na nutrição intersticial não se sabe dizer qual o elemento mais poderoso si as forças physico-chimicas do oxigenio, ou si a força biologica dos tecidos; si na individualização de um organismo para a manutenção de uma morphologia e o desenvolvimento de sua função, não se sabe dizer a força mais poderosa das duas que se chocam, assim também para a individualização de um povo, para sua formação como um grupo historico e o desenvolvimento de sua civilisação, não se sabe dizer qual o factor de mais força, si o meio si o elemento ethnico.

Ambos são igualmente importantes, igualmente poderosos na phenomenação historica, por isso que da reacção que oferecem entre si, resultará o desenvolvimento.

Qual delles, porém, entra em mais larga acção para traçar esse desenvolvimento é o que não se pode assegurar, pela insuficiencia dos meios scientificos actuaes.

Quando muito se pode traçar uma categorisação de phenomenos, pertencentes a cada um dos factores e isto não deve levar ao espirito do historiador uma predominancia de acção.

A essa categorisação pertencem, pelo lado do meio, os phenomenos de adaptação, de physiologia de uma raça, em virtude dos quaes tenderia perder sua integração, sua unidade, si não entrasse em acção uma força antagonica; pelo outro lado tenderiam a perpetuar-se os caracteres ethnicos, por meio da herança.

O meio rege a differenciação, pela adaptação; a força ethnica rege a integração, pela herança.

E como o caracter de um povo é a somma das duas forças, devemos concluir que para sua formação, para o desenvolvimento civilizador, ambas ellas se equilibram.

Estabelecemos, pois, o equilibrio das forças mesologica e ethnica como a lei geral que domina a historia brasileira.

Si uma prepondera sobre a outra, por exemplo o meio sobre o elemento ethnico, como quer o Dr. Araripe Junior, as tendencias divergentes serão poderosissimas, pela pequena reacção do elemento ethnico de sua acção antagonica e o resultado seria a falta de unidade do caracter brasileiro.

Si ha preponderancia do elemento ethnico como quer o Dr. Sylvio Romero, as tenden-

cias centralisadoras venceriam as tendencias divergentes, pela accão da herança, e ficariam inexplicaveis as diferenças, ainda que não radicais, do brasileiro do norte para o brasileiro do sul.

No primeiro caso o excesso de divergência levaria a um excesso de heterogeneidade de caracter, de relações mentaes e emocionaes, entre os habitantes das duas zonas, tão diferentes em suas condições physicas.

E essas profundas diferenças não vemos na historia das duas zonas, cujos habitantes muito se approximam pela identidade dos elementos ethnicos que se conservam, circunstancia bastante poderosa para oppor-se á divergência da acção de *habitat*.

Em ambas foram applicados os mesmos processos de colonisação, com igualdade de resultados; em ambas abriram-se linhas divisorias entre as classes populares de um lado e as do governo e clero, do outro; em ambas as relações subjectivas e psychologicas são identicas; em ambas, finalmente, os periodos historicos são caracterizados por uma identidade de habitos, de reverencia e superstição ás classes dirigentes.

Si diferenças se patenteiam, elles não são tão profundas a romper a unidade de caracter.

E vemos mesmo que no norte o movimento historico vai acentuando uma identidade como que desdobra-se pelo sul.

Nota-se o mesmo scepticismo contra a religião e o governo, com a diferença, porém, de ser mais tardio.

Os protestos que se levantaram contra essas duas forças foram identicos em ambas as zonas.

E isto nos leva a concluir que no sul o coeeficiente de movimento é mais acelerado de que no norte e que o estado de equilibrio em que se mantêm as forças ethnica e mesologica é diverso.

Em vez de dizer-se, que ha na civilisação do Brazil predominio da acção do meio, para se poder explicar as diferenças accidentaes do caracter, acreditamos ser mais acertado afirmar que a população das duas zonas acha-se em diferentes estados de equilibrio.

Na opinião do sabio philosopho inglez o equilibrio instavel é o caracter da homo-

geneidade de um aggregado, quer seja um organismo, quer uma sociedade.

Tende a diferenciar-se e a integrar-se, pela instabilidade de equilibrio em que permanece, pela persistencia da força e pela impossibilidade de um aggregado indefinido, e a evoluir, pelo principio da multiplicação dos effeitos, pois, todo effeito é mais complexo de que a causa. (1)

Applicando estes principios ao desenvolvimento historico no Brazil, vemos que a primeira população, formada pela geração de *mestiços* do seculo XVI, que é o elemento ethnico nacional, representa um aggregado em equilibrio instavel, pelas tendencias a differenciação e integração.

« Duas naturezas, diz Spencer, adaptadas a duas series ligeiramente diferentes de condições sociaes se unem; é de crer que sahirá uma natureza um pouco mais plastica do que elles, mais facil de receber as impressões de um meio que se renova pelos progressos da vida social, e por isso mais propria a crear idéas e a manifestar sentimentos de uma forma particular. »

Eis em synthese a função historica do *mestiço* no Brazil.

Por esta instabilidade de equilibrio, a accão de meio produzirá uma multiplicação de effeitos, e a geração mestiça tende a evoluir e a desenvolver a organização de um meio social, que, por sua vez, terá novas incidencias de forças.

E esse resultado é tanto maior, tanto mais largo, quanto a população vai alcançando feições adiantadas de heterogeneidade, o que vai se reflectindo em seus productos de cultura; sciencia, litteratura, arte, governo e religião.

Assim as sociedades, como a historia, passam de um estado indefinido e incoherente, a um estado definido e coerente.

Como, pois, se pôde dizer que ha preponderencia da accão do meio, sobre sua força antagonica, quando vemos que o desenvolvimento para percorrer todos os graos da evolução exige um completo equilibrio?

O illustrado Dr. Araripe deixou-se inspirar pelas asseverações de Buckle, sobre as civilisações primitivas.

Submettendo a historia aos processos das sciencias naturaes, estabelecendo que as accões humanas são determinadas por seus antecedentes, o historiador inglez divide as civilisações em primitivas e his-

toricas, tendo o meio sobre aquellas completa accão.

As diferenças unicas que descubrimos são que, nesse caso, a accão do meio é directa, e nas civilisações historicas ella é indirecta.

Por isso mesmo que no primeiro caso, o desenvolvimento depende quasi que exclusivamente da accão de *habitat*, de suas qualidades favoraveis ou desfavoraveis, a accão é immediata.

No segundo caso ella é mediata, por isso mesmo que a humanidade já chegou a pontos adiantados de integração e differenciação.

Isto porém não faz desapparecer a accão de meio que em ambas as civilisações é continua e ininterrompida.

As diferenças estão pois no modo, no processo de accão.

No mundo biologico o desenvolvimento organico depende da accão externa e da reacção interna.

As funcções organicas, nos gráos inferiores da escala animal, não estão localizadas, porque o aggregado é homogeneo e indefinido; não está diferenciado. Ellas são indefinidas e incoherentes.

Neste caso, a synergia funcional é mantida pela accão directa do meio.

O orgão que move-se é o que sente, o que respira, que digere, que absorve, que nutre-se e que excreta.

Não ha especialisacão de função, porque não ha especialisacão de aggregado, cujo total da força biologica apresenta-se aos olhos do observador como uma expressão da accão directa do meio.

Nos gráos superiores da escala, as funcções organicas acham-se especialisadas, porque o aggregado é mais diferenciado e heterogeneo. O orgão que respira não é o que digere, o que move-se, sente e excreta.

Nestas condições o total da força biologica é somma destas funcções, é o total da accão indirecta do meio e da directa do aggregado.

E' a expressão de um equilibrio.

Assim também na historia.

Nas civilisações primitivas, a accão do meio é directa, por que ellas são mais o

resultado de um bom sólo, de um bom clima, de que dos esforços humanos,

Nas civilisações historicas, em que a humanidade acha-se em pontos adiantados de integração, diferenciação e especialização, em vista da acção do meio e da reacção ethnica, a influencia physica torna-se mediata e indirecta no desenvolvimento histórico, por meio do homem e dos seus órgãos sociaes.

As civilisações serão a expressão desse equilíbrio.

Si prepondera a força ethnica, como quer o Dr. Sylvio, rompe-se esse equilíbrio que julgamos imprescindível para o desenvolvimento, para a normalidade dos phenomenos.

Quer nos parecer legítimas e verdadeiras as seguintes conclusões:

O elemento ethnico e o meio são as duas forças que dirigem a civilisação humana, obram em virtude da adaptação e da herança. Para vencer as tendencias divergentes de segundo factor, oppõe-se a força antagonica do primeiro, por meio da herança, assim de manter uma unidade no fundo do carácter;

Em vista disto estabelece-se um equilíbrio entre as duas forças, do qual resulta o desenvolvimento histórico, que se tornará negativo, si uma delas preponderar sobre a outra.

As diferenças entre as civilisações primitivas e historicas não consistem na preponderância de uma das forças sobre a outra, e sim nas diferenças do processo de acção.

Da acção e reacção é que resulta o equilíbrio das duas forças, não sendo nenhuma delas um factor preponderante, pois, desapareceria a normalidade da phenomenação, desapareceria o equilíbrio;

A cada uma das integrações, pela acção reflexa entre as duas forças, corresponde uma feição especial de meio social, que por vez leva seu contingente, na incidência sobre o elemento ethnico.

Sendo o *mestico* o ponto intermedio entre o meio social e o meio physico, transforma aquelle, pela sua cultura, a proporção que se integra pela acção deste.

E' elle o orgão da função histórica.

FELISBELLO FREIRE.

Linguagem brazileira

O artigo que em seguida publicamos é devido á pena de Macedo Soares, o philologo americanista de maior valor que possuímos.

Não carece do nosso elogio esse trabalho que fará parte do colossal diccionario de brazileirismos, ainda agora inedito, mas que irá sendo publicado por partes na colleção dos *Annaes da Biblioteca Nacional*:

LEXICOGRAPHIA BRAZILEIRA

BARRA, BARRO E SUAS FORMAÇÕES

BARRANCA sf., barranco. « Dando elles (os paraguayos) á palavra *barranca* a mesma significação que damos a «barranco», extende frequentemente essa denominação a toda a ribeira esquerda ou oriental, designando a outra pelo nome de *chaco*, que, como se sabe, designa o vasto e pouco conhecido paiz situado a poente do Paraguay». 1847 Lev. *RIH*. 1852, 213. Suas margens (do Jatapú), formadas de barrancas altas de argilla, apresentam em alguns pontos praias e em outros igapós.. Entre as barrancas a mais notável é a chamada Tatáuacá, pouco abaixo do lago Uaucú, na curva que ahí apresenta o rio, com frente para NO. E' formado de seis stratus distintos. BRoiz. 1875 *Urubú* 59-60. « O aspecto da barranca, que desde a margem do Paraná-panema é alta, de rocha, de piçarrão e terra barrenta quasi roxa, transformou-se em pantanos cobertos de relva até a barra do Ivahy ». Elliot. 1845 *RIH*. 1847, 28. || ETYM. vj. *barranco*. || GEOGR. Matto Grosso, Amazonas e Paraná: d'onde se vê que não é só expressão paraguaya, como se deprehende do Barão de Melgaço no trecho supra cit.

BARRANCEIRA sf., barranco ou barranca de certa extensão; continuação de barrancas. « Ao cabo de cinco dias, Estando eu na barranceira, Quando foi botando os olhos E' que vi Manuel Moreira ». O *Rabicho da Geralda*, versão das Alagoas, rec. por V. Cabr. || ETYM. os lexs. que o trazem dão como forma ant. de *ribanceira*; mas parece erro. *Ribanceira* vem de *riba*, lat. *rīpa* praia; d'onde *ribeira* no mesmo sentido de *barranca*. Lev., ex. cit. *Barranceira* compõe-se do s. *barranc* (a) margem ou riba escavada, barrandosa + suff. *eira*;

e bem duvidou Moraes quando depois de remetter de *barranceira* para *ribanceira*, pergunta: « Talvez continuaçao de barrances? » Sim, mas de *barrancas*; e a etym. d'estas pals. é o port. *barro*, do ar. *bara* terra. Eng. E' certo que, sendo o *c* de *barranca=k=qu*, devia dar *barranqueira*; mas, a intercurrencia de *ribanceiru*, do ant. port. *ribanç* (*a*) margem do rio talhada a pique + suff. *eira*, explica a formação pop. do nosso voc.

BARRANCO sm., « é o nome que se dá á ribeira do rio, tendo ella pouco ou nenhum talude, seja aliás qual fôr a sua altura; quando pelo contrario, o talude é consideravel, a ribeira recebe o nome de *praia*, designação que tambem ás vezes se applica aos baixos, ainda que não contiguos ás margens ». 1847 Lev. *RIH.* 1862, 212. « Abre o rio um estirão muito comprido, e no fim campo á beira do rio, á direita com suas ilhas; outro estirão comprido, campo á parte direita á beira do rio, suas ilhas da parte esquerda.. Foram apparecendo suas praias e ilhas, barranco de campo á direita ». V. R. 1793 *RIH.* 1848 Suppl. 413. Eis ahi: campo que morre á beira do rio, e campo que se desbarranca sobre o rio. « E logo praia muito grande á direita, e no fim ilha grande á esquerda; barranco de campo á direita, ilha de serans pelo meio do rio; praia da parte direita; o canal é á esquerda; avistão-se muito longe dois morros da parte esquerda; e pelo meio do rio suas ilhas de serans; e no fim, uma entaipava rasa; ficando os morros na beira do rio, com barranco de campina á esquerda; alarga muito o rio: fiz pousada ». Ibid. 416. Vê-se: *barranco* opposto a *praia*, *despenhadeiro* opposto a *margem que vai morrer á flor das aguas*. || ETYM. ha tres familias de palavras começando por *bar*, cuja etym. precisa discernir. 1º *Barral*, *barranca*, *barranceira*, *barranco*, *barrancoso*, *barrear*, *barreira*, *barreiro*, *barrela*, *barrento*, *barroca*, *barrocal*, *barroso*, vêm do port. *barro*, que se formou do ar. *bara* terra. Eng., que pergunta: *ut ex sua quid formatur?* 2º *Barra* de porto, *barraca*, *barrica*, *barriga*, *barril*, *barco*, *barathro*, *baratta* vaso, descendem da raiz aryana *bar* ouco, oucura, cava, excavacão, vacuo, bojo, capacidade. 3º *Barra* trave, *barra* do vestido, *b.* do dia, *barreira* obstaculo, *barrar* separar, fechar, *bardo* cerca, *vara*, constituem outra familia, proveniente do celt. *bar* vara, regua, trave, que obsta, que

separa, que cerca. O port. *barro* argilla, não tem correspondente em nenhuma outra lg. neolat., com excepção do hisp., que o tirou da mesma fonte. O fr. é *glaise*, ital. *bucche o*, prov. *argila*. || LEX. PORT. *burranc* é « cova ou quebrada de terra, a modo de vallado de uma e outra parte, que, por receber de ambas toda a agua, está humida e feita quasi barro ». Bl.; cova ou quebrada formada pelas enxurradas ou por outra causa ». Aul.: noção que também aqui temos.

BARRANCOSO adj., cheio de barrancos ou barrancas. « As margens, desde a barra (do Ivahy) baixas e pantanosas tornão-se barrancosas ». Elliot 1845 *RIH.* 1847, 29. || ETYM. *barranc* (*o*) + suff. *os* cheio.

BARREAR va., revestir de barro a parede: vj. *embarrar*. « Para o que se barreou um dos ranchos ». *RIH.* 1855, 258. || ETYM. s. *barr* (*o*) + suff. vb. *ear*. || LEX PORT. *barrar*.

BARREIO sm., pastagem nos barreiros salgados, « Fazer barreio » levar o gado a pastar nos barreiros salitrados. « Todo o mais dilatado espaço de campanha (na prov. das Missões) não só não cria, como mata, passados tempos, os animaes que n'ella se apascentam. Este defeito, porem, poderia remediar-se tendo-se o trabalho de fazer barreiros; mas como os nossos povoadores têm a fortuna de possuir campos que, independente d'este serviço, criam, com notável proveito e adiantamento, desprezam estes campos ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 158. || ETYM, s. *barr* (*o*) + suff. *cio*. Parece que, á similaridade de *rodeo* qv., se formou a pal. *barreio*: accão de levar o gado ao *barro* onde ha sal.

BARREIRA sf., « logar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato ». RTS. *RIH.* 1848, 202. « D'este ponto (Tupinambáranas) ou pouco mais acima se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insipida.. e um rio vazio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha ». André Frnz. 1820? *RIH.* 1848, 419. || ETYM. *barr* + suff. *eira*. || GEORG. Mgr., Goyaz, Am. || LEX. PORT. logar donde se tira barro: estacada; alvo; limite; obstaculo. || SYN. *barreiro*.

BARREIRO sm. 1º logar donde se tira barro para as obras de pedreiro. || 2º « terreno salitrado mui buscado pelos animaes, e sitios sabidos dos caçadores para espéra

e caçadas das antas ». Sev. I, 53. Ou, como descreve Taunay : « Chamão-se barreiras algumas baixadas salino-salitrosas, de cor acinzentada puxando para o branco. Todos os animaes buscam, com verdadeira soffreguidão, esses logares; não só mammiferos, como aves e reptis. O gado lambe o chão, e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro. Quando ás vezes voltam á noite d'esse pascigo, vêm com o ventre empazinado, como se estivessem prenhes. Não ha melhor ponto d'espera para um caçador; na verdade a abundancia de passaros e de caça grossa que se junta n'um barreiro é coisa de passmar. Tambem ahi é que os sucurys vêm-se esconder para colherem as suas prezas ». 1865 RIH. 1874, 220. « Sahi em uma canoa a correr todos os barreiros, que ficam ou se acham nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado; parece-me que elles contém sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinham pensado.. Na volta, encontrei o sujeito encarregado da fabrica do salitre, bom pratico, que vinha examinar as ditas barreiras, a quem desenganei ». Martim Francisco 1803 RIH. 1882, 28. « Vim dormir nos campos; e depois que anoiteceu, embarcaram os dois remeiroes e foram esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e mataram uma anta ». Ol.B. 1810 RIH. 1839, 182. « Atravessei o rio Daboque, que vem da serra, e alem delle encontrei barreiros mui ricos de salitre ». D'Al. 1825 RIH. 1857, 340. « Chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahi pousámos ». Elliott 1847 RIH. 1848, 161. Esses exs. definem o *barreiro* que, segundo o naturalista D'Alincourt, contem salitre, e segundo o naturalista Martim Francisco, não contem. || GEOGR. SP., Paraná, Mgr., Goyaz.

BARROCA s.f., buraco, rasgão praticado na terra pelas enxurradas ou outras causas, cova profunda, circular ou comprida, que geralmente intercepta o passo. || ETYM. a pal. filia-se, parece á mesma familia descendente de *barro*. Comtudo, Diez acha bom fundamento nos etymologistas ports. que a derivam do ar. *borgah'*. || HIST. « Este termo, diz DV., anda confundido com *barranco*, como se vê pela definição de *cova* que lhe assignam»; e define *barroca* monte ou rocha de piçarra; ou de barro, ajunta

Aul., dando tambem o signif. vulgar de *cova*, *barranco*. Esta accepção vulgar de *cova*, unica que passou para o Brazil, era tambem a unica em Port. no sec. XVII, como testemunha Bluteau, definindo *barroca* cova que fazem as aguas impetuosas; e adduz ex. de João de Barros onde concluimos que assim era no sec. XVI. No sec. XVIII, vemos em S. Rosa de Viterbo *barroco*, *barrocos* (forma masc.), penedo ou penedos altos e sobranceiros ao valle ou á terra plana e assente; d'onde *barrocal* logar cheio de penedos altos e fragosos; pal. ainda então usada em Pinhel e Ribacôa. N'este sec., Moura ap. Souza dá *barroca*, do ar. *borca* terra inculta cheia de penedia e cascalho; mas Engelmann não perfilha o vocabulo, que já nos está com tres ideias diversissimas; cova, penedo e terra coberta de penedos e cascalho. Cumpre notar que o ar. *borgah'* faz no pl. *boraq*, d'onde o nosso t. *buraco*; logo, *barroca* devia ser *cova*. « O chão estava calçado ou alastrado de pedras soltas e deseguaes, com muitos saltos e barrocas; e onde isto faltava, era atoleiro grande e caldeirões muito fundos ». Az. 1751 RIH, 1845, 471. O Conde de Azambuja, que chegava de Portugal, emprega aqui *barroca* no sent. de Moura. « D'elle (morro do Bom Jesus, em Iguape) correm por muitas barrocas regatos de boa agua.. Sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumada. Esta rocha forma pelo seo desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas ». Mart. Franc. 1805 RIH. 1847, 532-3. Eis ahi a accepção brazileira. As barrocas, em forma de covas circulares, assim como as grotas, são muito frequentes nos campos geraes do Paraná, consequencia talvez da formação rochosa do terreno. O solo dos taboleiros ou chapadas que se extenderem sobre as cristas das serras é uma camada comparativamente delgada, que os ventos crestão e as enxurradas facilmente excavão; e tanto mais amiudo, quanto, despojados de vegetação vigorosa, apenas coberta de gramineas, aroideas, cyperaceas e outras hervas e alguns subarbustos, cujas tenues raizes não segurão a terra, é infallivel e rapida a desaggregação das rochas que a compõem. A forma e direccão das barrocas são determinadas pelas fendas dos rochedos, atravez dos quaes foi a terra carregada pela accão das aguas pluviaes; e depositando-se no leito e pelas bordas d'essas bi-

bocas, dá nascimento á vegetação enfezada e carrasquenha que a reveste.

BARROCAL sm., logar cheio de barrocas. Oliv. Bello *Farrapos* 4.

BARROCÃO sm., augm. de *barroca*. « Junto a traz o Moreira, Correndo como um damnado; Mas logo adeante esbarrei Escutando um zoadão Moreira se despenhou No fundo de um barrocão ». Al. ap. SR. I, 75. Ceará.

BARROSO adj., 1º branco e vermelho: diz-se do gado, e é, nas fazendas nome com que os moleques e pastores baptizão o boi ou vacca de côr barrenta.=2º branco. Cor. « E's branco como o jasmim, Colorado como a rosa: Si tu me amares sempre Dou-te ūa terneira barrosa ». Kos. ap. SR. II, 73. || ETYM. s. *bar* (o) + suff. *oso* cheio. || GEOGR. 1º litt. RJan.; 2º RGS.

MACEDO SOARES.

Rezenha Política e Administrativa

O governo está em Petropolis, isto é o Poder Moderador e o cabeca do Poder Executivo; este vem ás quintas-feiras combinar com os collegas os despachos que á Aquelle (1) tem de ser presentes aos sabbados. A nau do Estado parece ir com vento de feição, pelo menos para o ministerio e seus numerosos parentes e adherentes.

Em quanto isto; para não parecer que não ha governo na terra, o illustrado ministro do imperio, só por si faz serviço ou cousa que o valha por um ministerio inteiro. As reunões multiplicam-se, e dias ha que a Secretaria conserva-se illuminada até tarde da noite; dir-se-hia que o ex-ministro da justiça não concordou com o seu chefe de Policia quando resuscitou o toque do Aragão.

Entre as medidas tomadas ultimamente pelo Sr. ministro do imperio, figura um aviso ás instituições educadoras subsidiadas pelos cofres publicos, comunicando a resolução em que está S. Ex. de não mandar continuar o pagamento do subsidio enquanto não lhes for prestadas as contas do anno passado.

(1) — Não se dirá ao menos que saltamos com o devido respeito á pragmatica da maiuscula oficial.

A primeira vista parecerá isso uma grande e moralisadora medida no intuito de fiscalizar o emprego dos e dinheiros publicos, mas examinada á luz da analyse reconhecer-se-ha que sobre ser de ineficaz objectivo, é illegal a medida e só servirá para pôr tropeços á vida economica dessas instituições, cuja philantropia não pode ser posta em duvida nem mesmo por S. Ex.

O que pretende o ministro do imperio saber se o subsidio foi todo ou em parte despendido, se foi bem ou mal empregado?

Antes de tudo, cumpre estabelecer uma preliminar: o podere legislativo concederam taes subsidios mediante condições?— Não, por certo. Como pretende, isto é em que sentido quer o ministro exercer a sua fiscalisaçāo?

Determinaram os poderes legislativos que o subsidio fosse applicado deste ou daquelle modo, com este ou aquelle objecto, com tal ou tal aula?— Nada disto. Como poderá pois o ministro approvar esta ou reprovar aquella verba?

Se os poderes legislativos determinaram apenas que pelo — ministerio do imperio, se desse taes e taes verbas a esta e aquella instituição, no louvavel intuito de auxiliar-as, sem em troca exigir mais do que a manutenção do estabelecimento educativo em proveito publico, como quer agora o ministro que essas instituições lhe prestem contas? Contas de que e de que forma?

Passando á pratica, a ineficacia da medida no sentido fiscalizador, torna-se tão palpável que só admira que um ministro da estatura do Sr. conselheiro Ferreira Vianna, se lembrasse de a pôr em circulação.

Demos que, uma associação apresente as suas contas e comprove com documentos legalizados, que despendeo todo o subsidio, com illuminação, livros, aceio da casa, empregados e até com algumas duzias de foguetes do ar para festejar, por exemplo, a passagem do Sr. Ferreira Vianna da pasta da justiça para a do imperio, que fará S. Ex.? Reprovárá a despesa com os foguetes? Mandará a directoria da associação repôr a quantia despendida com esses estouros? Mas, dirá a directoria: desde que os poderes legislativos nos dão uma certa quantia para auxiliar o nosso estabelecimento philantropico, nós temos o direito de despendê-la como nos aprovarem proveito do mesmo estabelecimento;

ora, S. Ex. não nos poderá contestar o proveito que visamos mandando atacar foguetes em honra de S. Ex. mesmo.

Se no pesscal pago, escripturarios, inspectores de aulas e serventes, o ministro achar demasias, terá o direito de cortal-as?

Mas que base terá S. Ex. para entender que ha pessoal de mais ou de menos em uma instituição particular, que não se rege internamente por leis ou decretos geraes?

Não; não é essa a fiscalisação que nestes casos cabe ao ministro exercel-a; e o sr. conselheiro Ferreira Vianna é bastante lido para saber que nos paizes mais adiantados do mundo, como a Inglaterra, por exemplo, o Estado subsidia e largamente muitas instituições particulares, exigindo dellas contas, é certo e contas muito exactas, mas é do resultado moral, dos fructos colhidos.

Que lhe importa saber em que se despendeu a verba que foi destinada para tal fim; o que quer é conhecer do resultado para poder avaliar o proveito da applicação dos dinheiros publicos.

É por este caminho que deveria ter ido o nobre ministro do imperio, e não pelo exame das contas de fornecimento ou do objecto do dispendio. Pelo caminho que seguiu S. Ex. achar-se-ha em serios embraços quando chegar ao Instituto Historico, pois acreedito que não valerá a privança imperial para esta instituição ser isemptada da fiscalisação. E lembra-me della justamente, porque acaba de publicar um volume commemorativo do seu jubileu, celebrado em Outubro do anno findo.

Antes do mais, os poderes legislativos concedem um subsidio ao Instituto para a publicação da sua *Revista*, aliás de grande importancia, mas não para celebrar jubileos. Ora, pergunto eu, glosará o nobre ministro as contas dos dispendios feitos com os tropheos e bandeirinhas da sala festiva? Se o fizer tenha paciencia, hade aprovar tambem aquella continha dos foguetes que ha pouco apontei. E o volume commemorativo? Approvará S. Ex. o que nelle foi dispendido com os retratos, entre os quaes nota-se o do Sr. Dr. Mattoso Maia fingindo de imperador, e um do general Cunha Mattos, que é um horror. O Sr. conselheiro Ferreira Vianna é tambem ministro das Bellas Artes, alento por isso, a esperança que S. Ex. não approvará a

despeza de que o Instituto fez com essa lithographias.

O nobre ministro o imperio, é tão activo, tão esmerilhador de antigualhas e ensaiador de novos moldes, que absorve-me todo este espaço e por tal forma que receio, para não alongar demasiadamente esta resenha, deixar de tocar em outros pontos administrativos ou politicos. E como não ser assim, se S. Ex. chega a fazer quatro reuniões em um só dia. Quasi que não dá a attenção publica tempo para mais nada.

Entre essas reuniões é na verdade digna de nota, a dos credores da Camara Municipal da corte. O Sr. conselheiro Ferreira Vianna, ministro do imperio, esse mesmo que na sessão do parlamento de 1887 em elevantada peça oratoria, tão valentemente deffendeo a autonomia municipal, que S. Ex. via ameacada pelo projecto de reforma do Sr. conselheiro Paulino, convoca uma reunião dos credores da municipalidade da corte, isto é do municipio do qual S. Ex. é muito digno representante na Camara temporaria, pondo com a maior sem ceremonia á margem toda a vereança.

Mas é bem certo o proloquio cada povo tem o governo que merece; parodiando, é bem o caso de applicar o dito a esta Edilidade; pois ella não só aceitou, tão descomunal conculcameto dos seus direitos como submetteo-se e até creio que agradecida a semelhante desconsideração. E vereadores houve que deffenderam com todo o entusiasmo o ministro, que para a cobrança do imposto addicional para os Asylos, *uma ninharia de 30 %*, ameaca-os com um extranho á Camara, um fiscal emfim, porquanto ao que parece não confia muito na cobrança feita pelos empregados da casa.

Gentil *comme il faut* por certo é o illustre ministro de estrangeiros; na sua pasta elle dá as maiores reviravoltas sem o minimo estrepito; assim é que o decreto de 14 do corrente marcou uma contradança entre o Barão de Penedo e o Visconde de Arinos, indo este para Londres e aquelle para Paris.

O Barão de Penedo deixa pois a Legação de Londres; é crivel isso? O decreto ahí está publicado no *Diario Official* e não ha duvidal-o.

A ultima hora porem affirma-se que o Barão de Penedo não quer contradançar.

Ainda firmado pelo Sr. conselheiro Antonio Prado tem apparecido na folha official alguns decretos d'aquelle rozorio de concessões que S. Ex. desfiou tão prodigamente antes de retirar-se para S. Paulo.

Um desses decretos garante juros a um engenho central com o capital de 1.000:000\$000 e a outro, para o mesmo fim, com o de 750:000\$000. Ambos os engenhos são de Pernambuco, e por isso não me deixou de fazer especie aquella diferença de capital; amigo porém que convive com parentes do governo deo-me como explicação, ser o de mil contos para um Sr. José Verissimo, que ainda é Loyo, quanto ao outro é apenas amigo dos Loyos.

A razão, pôde não ser exacta, mas é aceitável.

Tambem é do Sr. Antonio Prado um decreto de 5 de Janeiro prorrogando por seis mezes o prazo de tres que por decreto de 15 de Dezembro ultimo, fôra concedido á Empreza do plano inclinado de Santa Thereza, para apresentar os estudos de novas linhas.

E um cumulo isto de em menos de um mez prorogar-se prazos ainda mal começados a contar. Para que não concedeo desde logo o ministro os seis mezes, ou para que não os pedio a companhia se a falta está da sua parte.

Esta empreza do Plano Inclinado tem uma historia curiosa que bem merecia ser escripta por quem quizesse ter o trabalho de esmiuçar as bernardices para não dar outro nome, da nossa administração publica.

O Sr. tenente Francisco Victor da Fonseca e Silva, que por graça deodoriania, passou da noite para o dia a tenente-coronel, foi encarregado pelo Sr. conselheiro Ferreira Vianna, quando ministro da justiça, de organizar um plano de reforma da guarda nacional. Este trabalho está prompto e, segundo consta, essa guarda passará a ser considerada como reserva do exercito, dividida em duas partes, sendo a primeira de cidadãos de 17 a 45 annos de idade e a segunda de 46 a 60 annos.

Os batalhões serão, como no exercito, compostos de quatro esquadrões tendo aquelles 384 praças e estes 256.

A primeira reserva poderá ser mobiliada, e formará em revista de instrucção nos dias 13 de Maio e 7 de Setembro de cada anno, e, em parada, nos dias 29 de Julho e 2 de Dezembro.

Os ajudantes dos batalhões serão capitães e os instructores officiaes do exercito.

O effectivo da guarda nacional é calculado em 400.000 homens mais ou menos.

E' uma obra de mestre; só a lembrança de aproveitar os saxagenarios é digna de eternas luminarias. E os dias escolhidos para as paradas e revistas? Em Maio e em Dezembro, isto é, em plena primavera ou no rigor do verão. O Sr. tenente, por graça deodoriania tenente-coronel Fonseca, não presta attenção a questões de nonada, sol de rachar ou fresca sombra não quer dizer nada, morram de insolação os guardas de 60 annos ou de 17, pouco importa, o que se quer é que haja parada no dia anniversario do Imperador, da Princeza imperial e... a 13 a de Maio. Sem a *aurea lei* nada se faria; S.S. fez bem em lembrai-a, mas cometeo uma falta imperdoavel aos olhos do Sr. Patrocinio, que foi a de não crear uma guarda de honra para o 3º reinado como a teve o 2º, e de não se denominar ella a— guarda negra.

Um Sr. Luiz Schreiner, que se diz doutor e engenheiro, propoz ao Sr. ministro do imperio que mandasse para os Asylos da ilha do Governador, os mendigos e creanças vadias que infestam esta cidade. E, segundo affirmaram os jornaes bem informados, o Sr. conselheiro Ferreira Vianna aceitou a proposta e vae pôr em execução o plano do *doutor* Schreiner.

Que cargo oficial occupa este senhor para fazer tais propostas? Ao que consta nenhum decreto ou portaria existe nomeando-o para cousa alguma; apenas por um aviso o Sr. conselheiro Ferreira Vianna, quando ministro da justiça, o incumbio de apresentar planos de segurança publica em relação aos theatros no caso de incendio, e por signal que tudo deo em droga.

A questão das carnes verdes em Pernambuco não ficou no acto do ex-presidente o Sr. Oliveira Andrade, a quem não regatarmos louvores, por deixar de sancionar semelhante monstruosidade.

O vice-presidente da assembléa provincial, um Barão ou Visconde de qualquer cousa, mandou dar publicidade á resolução

da mesma assembléa prorrogando o monopólio, entendendo assim suprir a sancção do presidente da província.

O Dr. José Marianno reuniu logo gente e saiu á rua dando vivas! — Vivav ao monopólio, ao escândalo e a patota.

O novo presidente, o Sr. Araújo Góes, não permitiu que saíssem as charangas, acompanhando a procissão, mas declarou que para ser coerente com o seu antecessor não sancionaria a lei prorrogando o monopólio, a qual aliás verdade, verdade, achava-a boa, útil, moral até, quem sabe.

O que só me admira é que depois desta declaração o Dr. José Marianno não cahisse nos braços do Sr. Araújo Góes, exclamando: — afinal sempre nos entendemos.

O mesmo presidente, o Sr. Araújo Góes, abriu concorrência para o empréstimo de 8.600.000\$000, dando o prazo de 45 dias.

Os empréstimos provinciais estão assumindo uma proporção assustadora, vão caminho de uma bancarrota geral. Segundo um quadro da dívida passiva do exercício de 1885—1886, e publicado em fins do ano passado, a dívida de Pernambuco então elevava-se a 8.025.912\$476; ora como certamente deste novo empréstimo pouco ou nada será aplicado ao pagamento da dívida antiga, claro está que muito breve a dívida dessa província atingirá a mais de 15.000.000\$000; isto quando a renda provincial de 1888 não passou de 2.475.681\$474, e ainda assim foi superior a de 1887.

E' conhecida a crise agrícola que assombra a província, a depreciação do preço do açúcar, o qual não obstante ainda o ano passado atingiu pelo valor oficial da exportação a 21.965.545\$914, mas este ano tende a decrescer consideravelmente. Fazer-se pois em tais condições tão avultado empréstimo é aumentar tanto a carga, que quasi se pôde desde já prever o desastre.

Mas os empréstimos provinciais tornaram-se moda ou antes epidemia, e é, dizem os entendedores — nas grandes desgraças que oe fazem as grandes fortunas.

O empréstimo da província de Minas está a decidir-se; um dos proponentes é o Sr. Silva Loyo, e anuncia-se o próximo regresso do mesmo senhor á sua província natal, Pernambuco, onde o aguarda seu genro, parente chegado do governo, e o porto do Recife...

Que Deus o leve ao genro e ao «porto e salvamento.»

Hypolito.

Os quinze dias

Pego licença aos meus amáveis leitores para não seguir nesta singela chronica a respectiva ordem chronologica. Tratando de causas esmadas e sem nexo de causalidade, aquella ordem torna-se excusada e inutil.

Assim, anteponho á direcção do almanak a direcção propria das minhas suggestões e da minha memoria.

De muita causa hei de esquecer-me; mas ha um recurso que generosamente offereço aos leitores: deixo no escriptorio d'esta folha o meu tinteiro onde o que lá ficar, fica á disposição de quem o queira.

Ao tinteiro, pois.

Fazer uma chronicá de acontecimentos consiste quasi exclusivamente em tomal-os, colhel-os aqui e ali, pelos cabellos, pelo lado mais illuminado, pela face que n'elles está voltada para a praça publica, reunirlhes os fragmentos ou em uma só palavra expressiva abolindemrepotchimdegoal-os.

D'esta arte, se como disse Alencar, o jornal é o conforto de uma toalha da civilização, mais especialmente a chronicá é a pobreza honrada de uma modesta colcha de retalhos.

Fundou-se aqui há tempos nm *Centro Telegraphico da Imprensa* que é uma bella associação de pura mutualidade. Os paulistas pagam para ter telegrammas fluminenses e vice-versa.

Parece, porém, que os jornalistas da província não comprehendem bem a gravidade do seu mister e impõem diariamente telegrammas custosos sobre os factos mais vulgares da vida quotidiana. De vez em quando surgem de S. Paulo telegrammas como este: « O illustre professor de direito público arrotou em plena aula. » E por esse desarranjo gastrico os fluminenses vomitam não sei quantos mal réis.

Outro dia li eu no *Paiz* um telegramma concebido nestes termos:

— « O Sr. Horacio de Carvalho teve uma febre. »

Muito bem. Mas se eu fosse a gente do *Paiz* obrigaria os jornalistas de S. Paulo a pagarem a seguinte resposta, a titulo de informação notável:

« Deem ao Sr. Horacio um pouco de subphato. » *

A *Tribuna Liberal*, de quem aliás não desgostamos, reproduziu um aviso do *Jornal do Commercio* em que a Camara Municipal annuncia que em dias certos o Sr. Ferreira Nobre dará audiencias em substituição ao mesmo Sr. Ferreira Nobre.

A *Tribuna Liberal* acha escandaloso e absurdo que um homem se substitua a si mesmo.

Não estou longe d'este pensar, ainda que me queira parecer que o Sr Ferreira Nobre com boa vontade ainda possa chegar a ser o Sr. Nobre Ferreira.

Também a *Tribuna Liberal* foi creada para inverter a situação politica, mas, por enquanto, limita-se meramente a inverter a situação... dos vocabulos

Mas, ha de ir mais longe.

Para aproveitar á oportunidade, é bom registrar que hoje em dia o partido liberal cultiva affectuosamente a grammatica vernacula. E' esse o caracteristico do partido oposicionista vigente. Quasi meia folha do orgão tem consistido em notar paralogismos, cacophonias e toda a pathologia linguistica e rhetorica dos faladores ou escribas officiaes.

Quando o partido liberalisante vier consumar a salvação dos povos, bem pode mostrar e allegar os seus dous grandes serviços: o acto addicional de 1834 e a syntaxe do Padre Manoel Bernardes, de 1889.

Nas altas regiões do governo, o facto culminante foi a tolice *congressista*, imaginada e posta em pratica pelo Sr. Ferreira Viana. Por toda a parte, congressos. Congresso de jornalistas, de alfaiates, de professores: a serie foi lugubriamente fechada por um congresso de *cadaveres*.

Esses senhores cadaveres, rompendo a tradicional pacatez do silencio eterno em que habitualmente repousam, do baixo tumulto subiram ao alto da imprensa, pelas alturas da *Cidade do Rio*, e protestaram, um pouco descomedidamente para defunctos.

Não é crivel que um defuncto razoavel commetta em linguagem aquelle *simile* constante da acta: « não tememos nem desejamos a morte ainda que ella seja inevitável. »

Ora vejam! defunctos que não tem medo de morrer!

Na minha qualidade de alma vivente, declaro hoje que apenas um unico horror me attribula: é o de nascer outra vez.

A *Sebastiana*, revista theatrical do Dr. Moreira Sampaio tem tido *successo* e bon successo, o que não é totalmente difficult ao sexo de qualquer Sebastiana.

No principio, era o cahos, diz a Biblia; mas para toda a revista theatrical o *desideratum* é este: no principio era o escandalo. E houve-o, o seu tanto.

Uma actriz queixou-se á policia de que lhe levaram a exagero mythico certas partes que, como a mulher de Cesar, deviam estar ao abrigo da caricatura.

A policia casta e pudibunda deu as providencias que a desconsolada peça anatomica ruidosamente reclamava. A Empreza parece que attendeu á policia, pois vem pela *Gazeta de Notícias* ingenuamente confessar que a actriz estava no seu direito pois « *tirava partido do que era seu* ». *

(*Seu, d'ella, ó leitor pudibundo!*)

A proposito d'isto, foi que se deu este curto dialogo no jardim do Sant'Anna entre duas *co-lettes*:

— *As-tu lu ce...? Ils se melent de ce qui ne nous regarde pas.*

— *A' nous, pas pour eux. On n'y voit d'autre chose que leur nez.*

Em um dos periodos que essa chronica abrange, completou mais um anno de existencia um dos nossos melhores jornaes, o *Novidades*.

Aqui estou de chapeu na mão, a compimentar o collega.

Sempre gostei do *Novidades*, que tão bem justifica o conceito natural de *folha*, por ser leve como ella, e como ella ser um organo de respiração, indispensavel ao oxigenamento de nossa vida intellectual.

E já que estou de chapeu na mão, despeço-me dos leitores.

NEREU.